

# O SUJEITO SOCIAL EM FOCO: PRODUÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL COM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

Louise Pereira Franco  
Me. Gabriel Chati (orient.)  
Prof. Daniel Romeu (Coorient.)

**RESUMO:** A acessibilidade para surdos faz parte da contemporaneidade, porém ela já está fazendo parte da sociedade, sendo cobrada em espaços e projetos culturais, respaldada em lei. Objetivamos levantar algumas reivindicações das comunidades surdas, além de refletir como os espaços e projetos culturais podem proporcionar esta acessibilidade. Serão apresentadas as realidades de duas cidades distintas, Porto Alegre, capital do RGS, que tem acessibilidade em parte significativa dos eventos, e Jaguarão, localizada na metade sul do RGS, que não possui clara política de acessibilidade seja para seus espaços ou eventos. A forma de pesquisa escolhida foi a semiestruturada, com isso foi entrevistada três pessoas envolvidas diretamente com a cultura. Como resultados foi detectado que em cidades pequenas ainda é falho esse sistema de acessibilidade cultural. Além de conhecermos as formas de acessibilidade para surdos. Constatamos com esse trabalho a importância e cuidado que o produtor cultural tem que ter com estas pessoas.

**Palavra-Chave:** Acessibilidade Cultural; Surdo; Produtora; Atividades Culturais; Intérprete

**RESUMÉN:** La accesibilidad para sordos hace parte de la contemporaneidad, sin embargo ésta ya está siendo parte de la sociedad, esta siempre cobrada en espacios y proyectos culturales, respaldada por ley. Con este trabajo podremos ver algunas luchas de las comunidades sordas, además de reflexionar como espacios y proyectos culturales pueden proporcionar esta accesibilidad. Serán presenteadas las realidades de dos ciudades distintas, Porto Alegre, capital del estado de Rio Grande do Sul, que tiene accesibilidad en parte significativa de los eventos, y la otra, Jaguarão, localizada en la mitad sur de estado, que posee una clara política de accesibilidad ya sea para sus espacios o eventos. La forma de pesquisa elegida fu ela semiestruturada. Fueron entrevistadas três personas directamente envueltas con la cultura. Como resultado se há detectado a una carencia en ese sistema de accesibilidad cultural. Además de conocer la forma de accesibilidad para sordos. Constatamo con el presente trabajo la importancia y el cuidado que el productor cultural debe dedicarle com esatas personas.

**Palavra- chave:** Acessibilidad Cultural; Sordo; Productora; Actividades Culturales; Intérprete;

## 1. INTRODUÇÃO

Podemos encontrar diferentes terminologias para se referir às pessoas que por algum motivo não escutam, sendo estas surdas, surdas-mudas e deficientes auditivas (DA). Ao se perceber estas definições surge o questionamento, qual seria a forma adequada para chamar estas pessoas? Sendo assim vamos ressaltar alguns conceitos: Surdo-mudo seria uma forma antiquada para utilizar, tendo em vista que há alguns anos esta terminologia sofreu alterações, isto porque, se pode perceber que todos eles têm suas cordas vocais funcionando perfeitamente. Como eles desconhecem o som das palavras, acabam utilizando outras maneiras para se comunicar. O termo deficiente auditivo, frequentemente usado pelos médicos e muitas vezes empregado pelos ouvintes, é uma forma inadequada de chamá-los, pois se torna ofensivo a estes que por algum motivo não escutam, devendo restringir

o uso às abordagens clínicas. Percebemos assim que existem maneiras taxativas que a sociedade cria e que muitas vezes soam como desconforto às pessoas, como no caso dos surdos, das pessoas com síndrome de *down*, entre outras. Logo, surdo é o termo escolhido por estes, quando se tem total perda de audição ou quando ainda ouvem um pouco, sendo estas as formas mais encontradas na sociedade. Neste trabalho a nomenclatura escolhida foi surdo tendo em vista que é a maneira utilizada por estes em seus espaços de convivência.

Procuramos as formas de comunicação utilizadas pelos surdos e encontramos três tipos: as linguagens caseiras, leitura labial e a Língua Brasileira de Sinal (Libras). As linguagens caseiras são utilizadas por povos surdos que não tem contatos com outros, ou também não frequentam escolas polos ou especializadas em Libras, sendo assim estas pessoas acabam criando sinais caseiros para sua comunicação com a família ou pessoas próximas a estes. Outra forma de se comunicarem seria a leitura labial, em que eles ficam observando as pessoas falarem e tentam compreender as palavras ditas. A lei dos sinais garantiu que todos os cursos superiores ou médios referentes a licenciaturas e também a área da saúde, acrescentem o ensino das Libras em seu âmbito curricular. A Libras teve sua legalização a partir da lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 caracterizando-se como uma grande conquista voltada a esses sujeitos sociais.

Dessa forma, os surdos conseguiram adquirir sua liberdade, pois esses indivíduos começaram a frequentar um espaço social de aprendizado como a escola e também adquiriram autonomia para se comunicarem e assim começaram a ser percebidos pela sociedade como sujeitos sociais ativos. Dessa forma eles comunicam-se entre si, com ouvintes que saibam esta língua, com intérpretes que seriam a voz do surdo em espaços públicos como faculdades, espaços culturais, entre outros.

Nas populações de surdos há três categorias: alguns são totalmente surdos, outros com grande dificuldade em ouvir e outros com pouca dificuldade na sua audição. Dentro destas categorias hoje no Brasil podemos encontrar aproximadamente 9 milhões de pessoas que possuem algum desses três níveis, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Percebemos que este número cresce ao longo dos anos, isto porque com o tempo os surdos começaram a ter visibilidade, sendo que antigamente estes eram

escondidos, muitas famílias possuíam vergonha de mostrar que tinham filhos que eram taxados pela sociedade como deficientes. Com o passar dos anos eles ainda perseguem a luta pelos seus direitos, através das comunidades surdas e na implantação das políticas públicas.

Nas comunidades, apesar do nome, podem-se encontrar pessoas surdas e ouvintes, pois ela é formada por seus familiares, ou pessoas que de certa forma se identificam com estas. Define-se melhor comunidade surda como ambientes onde acontecem reuniões para discutirem seus direitos e também espaços de lazer, pois eles realizam comemorações em datas festivas como dia das mães, dia dos pais, festas juninas entre outras.

Um dos pontos a ser tratado neste trabalho é a acessibilidade cultural para os surdos, pois se percebe que a cultura é um direito de todos firmado pela Constituição de 1988, no entanto esse direito é reservado a uma pequena parcela da sociedade que podemos encontrar somente em alguns lugares do Brasil. O Projeto Teatro Acessível, que é uma iniciativa do Oi futuro, promove uma vez ao mês peças de teatro com legendas e interpretes para que todas as pessoas possam usufruir desta atividade cultural e também no estado do Rio Grande do Sul. Percebemos, através deste trabalho, que projetos estão começando a proporcionar, em espaços públicos acessibilidade para que tanto surdos, cegos, down, cadeirantes, ouvintes, entre outros possam participar e entender os espetáculos culturais.

Dessa forma, temos como objetivo constatar como está acontecendo essa acessibilidade, como os surdos estão interagindo e participando das produções culturais. De maneira subsidiária, a pesquisa busca compreender como se dá a inserção das tecnologias utilizadas para viabilizar a frequência nestes espaços culturais, bem como verificar as produções artísticas e culturais para pessoas surdas e as produções culturais realizadas por estes.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Percebemos que ao longo dos anos ocorreram mudanças na forma de ver e de se referir as pessoas que por algum motivo não escutam, antes os surdos eram considerados deficientes (SANTANA E BERGAMO, 2015) e hoje após muita luta estes estão conseguindo conquistar seus espaços na sociedade. É possível

perceber a terminologia utilizada ao se referir aos surdos, em muitos lugares as pessoas apelidavam os surdos como mudinhos, como deficientes e como se estes fossem “incapazes” de realizar qualquer coisa. Hoje podemos analisar que a realidade está se modificando, pois existem comunidades que lutam pelos seus direitos e por seus espaços sociais.

A mudança começou nas próprias residências destas crianças, pois quando passamos a observar um pouco sobre a história dessas pessoas, encontramos famílias de surdo que tinham vergonha de ter filhos fora dos padrões considerados normais pela sociedade, com isso crianças e adolescentes eram escondidos pelos seus pais. Sendo assim o contato com a sociedade era mínimo, quase nulo, e com isso não havia troca de experiências e conseqüentemente surdos não tinham contato com outros surdos (MONTEIRO, 2006). Dessa forma, em sociedades antigas, indivíduos que apresentavam qualquer forma de deficiência não tinham ou eram impedidos de ter uma vida social. Quando os surdos começaram a ter contatos com outros surdos foram estabelecendo ligações, assim surgiram comunidades, linguagens e atividades próprias.

Em uma conversa estabelecida com uma das entrevistadas na cidade de Porto Alegre, encontramos grupos como os *Signatores*, que são formados por alunos de origem humilde, jovens que moram na região periférica de Porto Alegre, mais precisamente na região metropolitana. O trabalho deles inicialmente foi em oficinas de teatro, hoje estes alunos já podem ser considerados atores, pois realizam diferentes espetáculos para públicos como ouvintes, surdos, entre outros. Com esta entrevista podemos verificar essa mudança que o surdo teve com a sociedade, pois em outros tempos eles eram escondidos e hostilizados. Atualmente seus espaços estão sendo conquistados, pois como o exemplo do grupo *Signatores*, estes jovens são atores e atrizes, além de espectadores.

Outro fator importante que colaborou para o desenvolvimento dos surdos foi o surgimento das comunidades surdas. Estes membros estão pouco a pouco conquistando seus espaços na sociedade, atualmente essas comunidades são consideradas por seus indivíduos como um bem cultural valioso, pois foi com elas que os surdos ganharam liberdade para se expressarem e conviverem com outros surdos, além de lutarem pelos seus direitos (MONTEIRO 2006). Uma das grandes vitórias dessas comunidades foi a legalização (LIBRAS), pois foi assim que estes

passaram a ser percebidos de outras formas, com menos discriminação. As lutas não estacionaram com esta legalização e no distanciamento tempo/espço constatamos que as produções culturais para os surdos começaram a surgir em passos lentos e praticamente apenas nas grandes cidades, como já foi citado, com o Teatro Acessível, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Através da produtora Daniela Lopes já há essa preocupação, não só como ter a acessibilidade, pois é umas das exigências do MinC (Ministério da Cultura) para os projetos, mas a mesma ser com qualidade com profissionais qualificados para esta participação do projeto.

Percebendo a importância das comunidades surdas, podemos refletir o porquê da cidade de Jaguarão não ter uma acessibilidade constante para surdos, talvez isso ocorra tendo em vista que não existe uma luta organizada dessas comunidades, ou melhor não existem essas comunidades ainda. Por esse motivo, não acontece uma pressão desses surdos sobre o poder público e no ambiente universitário, há um certo descaso. Fala-se na universidade em acessibilidade inclusive em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), onde cita que:

assessoramento aos NuDE dos campi, orientações para a qualificação de concursos para ingresso de Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), indicação de infraestrutura material e humana que contribua à organização de uma Universidade inclusiva conforme preconiza o Decreto nº 9.649/2009. Tendo em vista a acessibilidade.

Porém Unipampa, campus Jaguarão, ainda não existe um intérprete de Libras, já aconteceu um concurso e a interprete não permaneceu no campus, e desde então, existe sim um professor surdo, mas em reuniões e formaturas ou não tem acessibilidade para ele, ou alunos dos cursos tem que fazer essa tradução ou em casos muito raros vem uma pessoa de outro campus.

Como nos mostra KARNOPP (2013) produções culturais para os indivíduos que apresentam a surdez é uma possibilidade de elaboração para outros discursos, tendo em vista que além de participar eles também poderiam produzir estas atividades, como aconteceu no Festival Brasileiro da Cultura Surda no ano de 2011, em Porto Alegre, que tinha como objetivo a divulgação da produção e a circulação da cultura surda. Além, como o já citado, o grupo Signatores, que não são atividades estabelecidas como acessibilidade para surdos, pois são desenvolvidas por eles e no caso deste último proporcionada acessibilidade para ouvintes.

Considerando a Declaração dos Direitos Humanos (1948), os artigos 22º e 24º, constatamos que todas as pessoas membros da sociedade tem direito não só a segurança, educação, saúde, mas também a cultura e principalmente ao lazer, assim como no artigo 27º desta mesma declaração “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de usufruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam”. Apesar de existir a mais de 60 anos esta declaração, percebemos que está muito longe da cultura chegar a todos e principalmente aos surdos, isto porque ainda existem espaços que não possuem acessibilidade, principalmente em cidades pequenas como Jaguarão. Isto acontece por inúmeros motivos, tais como, despreocupação dos produtores, falta da mão de obra trabalhista, que é o caso dos intérpretes, pois ainda são poucos no mercado, apenas em centros grandes como é o caso de Porto Alegre ou espaços com universidade, como ressalta Daniela. Em cidades como Santa Cruz, Santa Maria, que possuem a influência da Universidade, é mais fácil conseguir, mas em cidades do interior é bem difícil encontrar.

O direito a cultura é um direito fundamental e está consagrado em inúmeros documentos legais, sendo a cultura como um dos pilares da sociedade para o alcance da cidadania (BARBOSA, 2014). Por isso que o surdo assim como qualquer pessoa poderia participar destes ambientes culturais, porém para isso acontecer as políticas públicas e também os produtores culturais deveriam ter esse cuidado e realizar eventos com acessibilidade para as pessoas que necessitassem.

Com o surgimento das tecnologias, identificamos que elas não substituem as ações sociais humanas, porém estão sendo necessárias para uma maior inserção dos surdos na sociedade e para a sua liberdade (MARTINS, FLORIANO e GIMENEZ, 2013). Observamos que esses meios tecnológicos trouxeram para essas pessoas grandes melhorias de vida, pois assim passam a existir liberdades que antes eram praticamente impossíveis. Hoje os surdos dirigem, utilizam dos meios de comunicação, estudam e frequentam espaços diversos inclusive espaços culturais, como o caso do espetáculo “Sobre Anjos e Grilos, o universo de Mario Quintana”, que além de possuir acessibilidade para cegos através da áudio descrição, teve também uma interprete para que os surdos pudessem prestigiar o evento cultural. Ainda em novembro de 2015, aconteceu a gravação do DVD que irá contar com legenda para que os surdos possam levar este espetáculo para casa. Como

podemos perceber esses eventos acontecem em apenas algumas cidades, pois existem municípios como Jaguarão que não possuem esses meios.

Por fim, percebemos que as inclusões devem acontecer e que as lutas das comunidades surdas são para que a exclusão termine e que todos possam usufruir os mesmos direitos (STROBEL 2013). Seus espaços estão sendo ocupados em outros meios como na educação, por exemplo, em que estas lutas estão progredindo, visto que já existem algumas escolas, faculdades, escolas técnicas, enfim ambientes em que os surdos possam estudar e aprender Libras. Nesse sentido educacional, Jaguarão está começando a progredir, pois já existe a escola polo, que tem uma inclusão de alunos surdos, onde professoras auxiliam esses alunos, porém esse trabalho ainda está no começo e como já falado, a mão de obra é escassa, sendo assim há poucos professores para desenvolver este trabalho.

Assim como na educação, já existem alguns progressos em outros campos, como o da cultura, também estão progredindo como percebemos no caso da Daniela, produtora cultural na cidade de Porto Alegre, vem seguindo estes exemplos e buscando iniciativas de acessibilidades a todas as pessoas. E com isso este trabalho está buscando a observação e a reflexão sobre acessibilidade e a inclusão.

Os referencias teóricos foram muito importantes para a realização desta pesquisa, visto que com eles questões foram mostradas e constatadas com as respostas das entrevistas. Podemos observar que, logo no início do texto onde, SANTANA E BERGAMO observam sobre os espaços que foram conquistados pelos surdos e por eles terem deixados de serem tratados como deficientes, hoje podemos perceber esta mudança a partir do modo em que espetáculos não são realizados apenas por ouvintes, e sim também, os surdos serem atores e espectadores.

Observamos também que o direito a cultura, apesar de ser um tema contemporâneo, estão começando a ser cobrado, como no caso de Daniela, que começou a disponibilizar a acessibilidade tanto para cegos como para surdos, devido a obrigatoriedade exigida pelas a leis.

### **3. METODOLOGIA**

O método de pesquisa escolhida foi a qualitativa semiestruturada, pois esta combina perguntas abertas e fechadas, e assim os entrevistados terão espaços para contar suas experiências vividas e dar relatos em atividades culturais inclusivas ao

público surdo (BONI, QUARESMA 2005). Com isso, se apresentam diferentes categorias, relatos de vida, produção cultural e acessibilidades / tecnologia a partir dessas notou-se as atividades culturais que eles participam, se existe acessibilidade nesses espaços, se o entrevistado já produziu alguma atividade cultural, qual influência as tecnologias tem na vida do entrevistado e se ele é um sujeito cultural ativo ou não.

O público alvo desta pesquisa foram três entrevistados relacionados a cultura, sendo um deles o professor Carlos José Azevedo Machado, ex-secretário de Cultura e Turismo da cidade de Jaguarão-RS e também membro da Sociedade Independente Cultural (SIC). Ele foi escolhido por ser um incentivador da cultura na cidade de Jaguarão. A segunda entrevistada é formada em Comunicação Social com habilitação em Relações públicas, porém atua na área da produção cultural, promovendo diferentes projetos que possuem o foco na acessibilidade voltada para os surdos quanto para os cegos. E a terceira entrevistada é mestranda em educação e é interprete de Libras e também faz audiodescrição em eventos culturais na cidade de Porto Alegre, Celina Xavier.

Eles foram escolhidos devido a influências que têm no campo cultural. Estes são de diferentes cidades, pois o presente trabalho mostrará a realidade de uma cidade de interior como Jaguarão, que mesmo sendo pequena, contém universidade, eventos culturais de pequeno e grande porte, além de um conter um espaço cultural, como o Teatro Esperança, reinaugurado a menos de um mês. E a outra cidade, de grande porte, com inúmeras universidades, com uma vida cultural ativa e com acessibilidade parcialmente.

Contudo, essa pesquisa, teve como foco uma reflexão sobre este assunto na vida do produtor cultural, pois este tema está presente em diferentes espaços como na educação, na saúde e também na cultura e sua obrigatoriedade quanto a acessibilidade, que já está sendo exigida para a realização dos projetos em espaços como teatros, espetáculos de músicas, feiras como a do livro, entre outros. A reflexão tem que partir do produtor e de todos envolvidos nestes espaços e proporcionar a esses indivíduos os meios de participação do contexto cultural, independentemente de ser surdo ou ouvinte. Entendemos que a acessibilidade deva atender as pessoas sendo elas cegas, com alguma síndrome, cadeirantes, pois o trabalho do produtor cultural é proporcionar o melhor da cultura para todo. Esta



pesquisa pode auxiliar na reflexão e análise de como está chegando os bens artísticos e culturais para as pessoas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

Durante esta pesquisa houve uma conversa com representantes culturais de duas cidades, uma delas Porto Alegre, que é a capital do Rio Grande do Sul, que foi escolhida por ter um campo cultural muito extenso e também por existir iniciativas voltadas para a promoção de acessibilidade para surdos. e como logo no início havia pouco conhecimento sobre essas tecnologias e essa acessibilidade, a partir dos entrevistados, dessa cidade, aconteceu o conhecimento desses aspectos.

Na cidade de Jaguarão, que fica no extremo sul do Rio Grande do Sul, na UNIPAMPA, é onde estão se formando os alunos da primeira turma do curso de Produção e Política Cultural. Na referida universidade, os alunos da instituição deveriam ter contato com as formas de acessibilidade . Nesta cidade foi feito contato com um representante desse meio cultural.

##### **4.1. Relatos Bibliográficos**

Entendendo a importância dessa acessibilidade, este trabalho, procurou buscar informações de como está acontecendo, dessa forma foi obtido o contato com Daniela Lopes Nunes, que mora em Porto Alegre, possui 38 anos, é formada em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas e se denomina produtora cultural. A entrevistada desenvolve projetos com acessibilidade pela sua empresa Cadastro Cultural e também auxilia o grupo Signatores a captar recursos para o desenvolvimento de suas produções artísticas, já participou de produções em espetáculos com os seguintes títulos: “Pois, é vizinha...”, “Sobre anjos e grilos, universo de Mario Quintana.”, “O ensaio de Alice” e “Alice no país das Maravilhas”. Os trabalhos mencionados ofereciam acessibilidade, ou para surdos ou para videntes (como são chamados os ouvintes neste meio cultural).

Outra entrevistada foi Celina Nair Xavier Neta, moradora de Porto Alegre, mestranda em Educação e trabalha como intérprete e também com áudiodescrição em inúmeros eventos. Ela conta que buscou a formação de intérprete para melhorar a sua fluência na sua sala de aula, mas logo ao final do curso começou a trabalhar como intérprete no curso de pedagogia. Ela participou de diferentes eventos culturais sendo eles: Feira do Livro de Porto Alegre, onde ela participa a 10 anos,

Bienal, em peças de teatro como a do Grupo Signatores e do Grupo “Solos e Acompanhados”, além de eventos na Casa de Cultura Mário Quintana e na fundação Iberê Camargo.

No caso do entrevistado, Carlos José de Azevedo Machado, que é morador da cidade de Jaguarão/RS, possui 48 anos, é licenciado em Filosofia, foi professor durante 20 anos na rede estadual do RS, atualmente é bancário. O professor é um grande ativista cultural desde seus 16 anos de idade. Foi sócio fundador da Sociedade Independente Cultural (SIC) desde o ano de 1987 e participa deste movimento até os dias de hoje. Durante a gestão anterior ele foi presidente desta sociedade. Hoje ele é membro do conselho municipal de política cultural de Jaguarão, representando a setorial de patrimônio, foi secretário de cultura nos anos de 2009/2010, além de ser mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural( UFPEL).

#### **4.2. Produção Cultural**

Os espetáculos realizados por Daniela foram apresentados diversas vezes. Desse modo em sua entrevista, ela conta que passou a prever acessibilidade, devido a obrigação legal do MinC, sendo ela: *Art 31*

O Ministério da Cultura, observada a legislação em vigor, acompanhará e fiscalizará as medidas de acessibilidade e democratização de acesso na forma dos arts. 75, § 1º, e 77 desta Instrução, e considerará o cumprimento das medidas apresentadas como quesito de avaliação da proposta cultural, exigindo a comprovação de seu cumprimento quando da prestação de contas, sendo este item indispensável para a aprovação das respectivas contas.

Dessa maneira a entrevistada passou a contar em seus projetos com a áudiodescrição ou a libras e em alguns eventos com os dois juntos. Além da obrigatoriedade de prever essa acessibilidade, Daniela percebeu essa importância quando em 2009 teve seus primeiros contatos com o grupo Signatores. Foi com este grupo que ela percebeu que não é apenas fazer essa tradução, mas sim ter um comprometimento com a mesma, visto que não é simplesmente contratar alguém que se denomina intérprete e essa pessoa faz uma tradução simultânea. Ela conta que há todo um trabalho por trás da tradução, pois o roteiro do evento é entregue com antecedência para que o intérprete possa estudar e fazer a tradução, pois como podemos perceber a Libras é como se fosse outra língua diferente do que muitos imaginam.

Os projetos de Daniela, são realizados através de editais que os financiam. Projetos com acessibilidade não são diferentes, os recursos são adquiridos através dos incentivos. Ela conta que prevê todos os gastos em planilhas orçamentárias e passa a concorrer com vários projetos. Caso ele seja aprovado, o dinheiro é depositado na conta deste projeto, logo em seguida eles utilizam este dinheiro e depois há uma prestação de contas. Como se pode notar com a sua entrevista, cabe ao produtor acrescentar essas despesas de intérprete ou de aparelhos de áudiodescrição e executá-las com estes. Podemos perceber que estes não são fatores baratos, mas mesmo assim ela procura sempre colocar no projeto e contratar pessoas qualificadas e equipamentos de qualidade sempre promovendo um espetáculo de qualidade.

Na produção do lançamento do cd “Sobre Anjos e Grilos, universo de Mario Quintana”, teve seu início com o objetivo de levar os deficientes visuais as poesias de Mario Quintana. Daniela conta que no lançamento elas resolveram fazer a tradução deles para Libras, pois eles queriam proporcionar um espetáculo com diferentes públicos, e foi assim que o evento contou com a áudio descrição e a tradução para Libras de Celina Xavier.

Já quando o evento é com o grupo Signatores, nota-se que o público foco são os surdos, neste trabalho o grupo conseguiu que eles se vissem como protagonistas, desenvolvendo assim nos atores suas capacidades de interpretação e desempenho no palco. Para o público, um espetáculo de altíssima qualidade, para a sociedade, foi um desenvolvimento de barreiras e uma forma de mostrar um outro lado do surdo, o do ator com altíssima capacidade. As apresentações do principal espetáculo da companhia, a peça teatral Alice no País das Maravilhas, segunda Daniela “foram sucesso de público em todas as exibições. Eram de vários os lugares e diferentes cidades como Canoas, Novo Hamburgo, enfim de cidades da região metropolitana”. O que mostra o desempenho destes atores e suas conquistas perante a sociedade, além de demonstrar a vontade de que os surdos estão de participar dos eventos culturais.

Celina Xavier conta que sua participação nos eventos é muito intensa, pois além de ser intérprete, ela também os divulga, para seus amigos surdos, nas redes sociais, além de seus alunos. Seu objetivo é que cada vez mais esse público cresça,

pois dessa forma os surdos conseguiram marcar essa necessidade de acessibilidade.

Na conversa com Carlos Jose, a surpresa foi o desconhecimento dessa acessibilidade específica. Em seu relato logo no início foi muito analítico e pensativo, ele começou relatando inúmeras atividades culturais que promoveu perante a Secretaria de Cultura e a SIC, mas em nenhum deles havia essa acessibilidade para surdos. Na verdade, quando foi levantada a palavra acessibilidade, logo ele pensou no cadeirante, pois é comum ser cobrado nos espaços sociais. Contudo ao longo da conversa ele começou a perceber esta em espaços como programas de televisão, onde já podemos encontrar legendas ou o próprio intérprete.

Dessa maneira, ele ainda ressaltou que durante os eventos realizados não houve essa preocupação de como vai ser feita essa tradução para surdo. Ele ainda acentuou a reinauguração do Teatro Esperança, que aconteceu no mês de novembro de 2015, em dias antes de acontecer essa reinauguração o mesmo foi interditado, por motivos de acessibilidade, mas não para surdos, inclusive nem houve uma reflexão sobre uma acessibilidade para os surdos.

O Teatro Esperança da cidade de Jaguarão foi um dos primeiros a ser construído no estado do Rio Grande do Sul, ele é considerado um dos teatros com melhor acústica. Na cidade de Jaguarão ele é um dos aparelhos culturais mais importantes, foi reinaugurado no mês de novembro, com um espetáculo musical, onde alguns nomes da música se fizeram presente.

### **4.3. Formas de acessibilidade: desafios e possibilidades**

Neste meio de acessibilidade, encontramos duas maneiras para promovê-las, sendo ajuda técnica todas as que são realizadas por algumas pessoas, sendo ela intérprete de Libras, Libras tátil, leitura labial, entre outras. Tecnologias assistivas são utilizadas para identificar todos os aparelhos que contribuem para proporcionar uma vida independente para as pessoas que possuem alguma limitação, são elas audiodescrição, legenda closed captioning, elevadores, entre outros.

Dessa maneira podemos notar que Daniela trabalha com duas formas de acessibilidade e que sua maior preocupação é com a qualidade dos espetáculos e que o público surdo realmente saia satisfeito do evento. Com isso, ela explica que quando contrata um intérprete ela procura alguém capacitado e qualificado, pois seu

objetivo não é apenas comprovar para o Minc que o seu evento teve acessibilidade, pois ela quer que cada vez mais cresça a participação e a credibilidade dos surdos e que seu evento seja realmente com acessibilidade cultural.

Além dos custos dos atores, interpretes, cenários, figurinos, entre outros gastos, para existir esta acessibilidade a produtora teve que prever os custos de alguma tecnologias que são indispensáveis, no caso dos espetáculos “Sobre Anjos e Grilos, Universo de Mario Quintana” que tem áudio descrição para cegos, , é muito dinheiro envolvido pois os aparelhos são muito caros, pois para traduzir o roteiro leva em média mais ou menos de 6 a 8 mil reais para a diária de locação dos fones, o áudio descritor, a cabine que exige se o teatro tem espaço. Na Alice os autores narradores utilizam as cabines, pois apesar de ser uma peça com atores surdos contem trilha sonora, com isso usa-se microfone e a narração é feita ao vivo.

Já Celina, não só defende essa acessibilidade como ressalta as existências das leis que respalda as comunidades surdas a terem essa acessibilidade, fora essa obrigatoriedade ela tem uma visão em que esses eventos ficam bem vistos e agregam qualidade. Ainda referente a esse assunto ela destaca que tem sido chamada em vários projetos financiando pelo FUPROARTE, pois estes sempre exigem um direcionamento para um público vulnerável.

Contrapondo as demais entrevistadas, tendo em vista o desconhecimento destas acessibilidades, Carlos José, pergunta quais seriam estas acessibilidades e o que seria necessário para elas acontecer, pois apesar de participar de inúmeros espetáculos e também promove-los ele nunca percebeu nesses espaços esta acessibilidade para surdos. Ele ainda ressalta seu interesse, a partir do momento, em como elas acontecem e se algum tipo de incentivo, leis, incentivos a cultura, enfim se algum tipo de patrocínio.

Carlos José ainda salienta que talvez não há conhecimento, porque também não foi cobrado, e cita como exemplo os cadeirantes, durante muitos anos aconteceu essa cobrança da acessibilidade para cadeirantes e hoje todos os espaços já tem esse cuidado em colocar rampas, elevadores, portas largas, entre outros. E finalizando sua fala ele ainda aponta que esses valores são disponibilizados para as acessibilidades dos cadeirantes, mas é um dever e o mesmo ele vê esta acessibilidade para surdos.

#### **4.4. A participação do público surdo**

A produtora explana que a participação do público surdo nessas atividades está crescendo dia a dia, porém ainda há uma certa resistência devido ainda a produtores que não tem esse comprometimento e acabam contratando qualquer interprete. Por esse motivo em sua entrevista Daniela ressalta inúmeras vezes que seu objetivo é que esse público cresça, então sua campanha acontece nas escolas, com professores, através de parcerias, associações e escolas de surdos, sempre garantindo a todos a qualidade e que estes irão entender o espetáculo.

Celina aponta que os surdos ainda não estão acostumados a frequentar espaços culturais, mas seu trabalho passa a ser duplo, pois além de interprete ela passa a divulgar esses espetáculos, pois assim como Daniela seu objetivo é que esse público cresça e que os surdos passem a exigir seus direitos de acessibilidade.

Ao perguntar a Carlos José, sobre como ele vê a participação dos surdos em espetáculos de Jaguarão, caso tenha acessibilidade, ele respondeu que acredita que como todos os eventos, que alguns vão participar, que o público irá crescer, mas muitos talvez fiquem constrangidos, pelo próprio preconceito, porém vai haver outros que vão querer estar presentes e participando ativamente destas atividades.

#### **4.5. Alguns exemplos de iniciativas que promovem essa acessibilidade**

Para acessibilidade acontecer percebe-se diferentes fatores importantes para que o espetáculo de certo, com isso compreende-se que os atores do grupo signatores tem um preparo exemplar, tanto é que Daniela afirma que os membros do grupo já podem ser considerados atores e que a maioria do público vidente apenas com a interpretação destes membros do grupo signatores conseguem entender o que eles estão interpretando. Porém ainda no espetáculo a acessibilidade para o ouvinte é feita através do áudiodescrição e quem faz esse trabalho são também atores no “Alice no País das Maravilhas”, quem fez esse trabalho foi a Marcia Caspera, que é uma atriz e locutora especializada em áudiodescrição, seus primeiros trabalhos foram feitos no cinema e atualmente ela está participando do signatores. Além da Marcia o outro ator é o Alexandre Rolin e assim os dois trabalham juntos criando as vozes para os personagens de Alice. Daniela conta que é tudo costurado e que as vozes são todas adequadas e a peça acabou sendo interpretada e não narrada. Quando esta áudiodescrição é feita para os cegos tudo é

descrito antes para a tradutora, pois é assim que ela consegue descrever para o deficiente visual onde ele está inserido, o que os atores estão usando, pois tudo é feito ao vivo.

Quando o espetáculo contém uma intérprete, a atriz que está atuando faz seu trabalho desenvolvendo-o como sempre e a interprete fica ao lado sob um foco de luz e ela vai traduzindo o texto da peça enquanto a atriz vai executando. Porém este profissional recebe tudo antes do espetáculo roteiro, vídeo da peça, pois só assim ela terá noção para fazer a tradução que também é feita ao vivo.

Já no caso de Jaguarão como nos mostra Carlos José, não há esse conhecimento de como realizar esta atividade, porém se sabe que se necessita de uma interprete. Referente a esse debate Carlos ressalta a escassez da mão de obra, ou seja, ele aponta que se nem a universidade tem uma interprete, de repente a solução seria antes de tudo uma formação, sua sugestão é que o município faça um convênio com a universidade, mas primeiramente os próprios trabalhos acadêmicos poderiam fazer esse levantamento de quantos surdos tem na cidade e então começar esse trabalho. Pois teria sim que ter essas pessoas, pois não adiantaria ter a verba, mas não ter a mão de obra, dessa maneira sua sugestão é a formação de novos interpretes, para mais adiante acontecer a contratação.

Como notamos a luta pela acessibilidade não é apenas do produtor cultural, apesar de que ele tenha uma importância relevante, visto que ele deve propor em seus projetos este incentivo para poder contratar estes trabalhadores. No entanto, terá que haver uma preocupação também com as pessoas, pois se não tiver profissionais qualificados como interpretes os produtores não tem como contrata-los e essa luta ainda é grande visto que em cidade pequena como Jaguarão, ainda temos profissionais em formação, e se hoje é necessário essa contratação teria que vir um interprete de fora do município.

#### **4.6. Considerações dos entrevistados sobre acessibilidade cultural**

Neste campo da produção podemos perceber que Daniela realmente está preocupada com a acessibilidade, pois em diferentes momentos em sua entrevista ela ressalta sua preocupação com que os surdos, os cegos e os videntes participem e compreendam o espetáculo. Sua produção abrange duas diferentes perspectivas,

pois como já foi descrito logo no início desta pesquisa ela propõe espetáculo com acessibilidade para o surdo e acessibilidade para ouvintes.

Outro ponto a ressaltar é a participação da sociedade nestes eventos, como podemos abranger com o auxílio da entrevistada, o público surdo compareceu com relevância quando o evento foi feito com atores surdos, pois eles sentiam-se despreocupados e que iriam compreender o espetáculo, o público vidente também compareceu e isso é uma grande vitória, pois os surdos deixaram de ser os deficientes e passaram a ser visto como os atores profissionais, como fala Daniela em sua entrevista:

Ela vê essa participação como uma mudança da visão da sociedade, pois infelizmente as pessoas confundem uma deficiência, uma limitação física, um problema cognitivo como barreiras e não é, os produtores precisam mostrar aos mesmo que por ser um cadeirante, um surdo, um cego isso não quer dizer que eles não têm capacidades.

Celina destaca que a produção cultural com inclusão é fundamental, pois é importante para todos porquê da visibilidade para os organizadores e seu espetáculo passa a ser visto com qualidade e os surdos passam a ser incluídos na sociedade cultural. Como exemplo ela salienta que uma das vezes em que ela foi chamada para ser interprete de um espetáculo, eles a procuraram com a motivação de atender questões legais, e o evento agregou tanta qualidade, que os mesmo seguiram contratando-a para os eventos seguintes.

Ao final da conversa, Carlos José mais uma vez reafirmou o desconhecimento perante essa acessibilidade, porém ele ficou na reflexão de como proporcionar esta e demonstrou interesse em aprender e também em como levar esta cultura a todos, desse modo ele ressalta: “eu realmente desconheço essa acessibilidade, de repente é por não refletir sobre ela, mas talvez tenhamos que correr atrás e procurar minimizar essa situação”.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Constatamos neste trabalho a importância de prever esta acessibilidade e do comprometimento com estas pessoas. Podemos compreender, ainda, que não basta apenas prever uma cultura para todos, mas sim buscar que os surdos participem e entendam o que está acontecendo durante o espetáculo. Dessa maneira necessitamos de pessoas qualificadas. Outro modo seriam espaços com algumas tecnologias como focos de luz no interprete, cabines de som, entre outros.



Daniela mostrou-nos que é gratificante receber pessoas de diferentes cidades que foram prestigiar o evento com confiança que o espetáculo é de qualidade. No entanto não é nada fácil promover esta qualidade visto que em cidade onde não tem universidade muitas vezes é complicado de achar uma referência de interpretes que realmente saibam fazer essa tradução, principalmente se as cidades são de interior, pois ainda esta mão-de-obra é escassa e há inúmeras dificuldades para promover estes espetáculos.

Celina, também mostra o prazer de proporcionar essa cultura, apesar do pensamento parecido ela tem o seu discurso como a que disponibiliza esse entendimento ao surdo.

Já Carlos José, não conhecia os meios de acessibilidade, pois na cidade de Jaguarão não tem nenhuma forma de acessibilidade para surdos, porém ele refletiu muito durante a conversa e ficou analisando os fatos de como proporcionar esta para todos.

Podemos ainda perceber que apesar da acessibilidade cultural ser um tema contemporâneo, e muito novo no campo da produção cultural é sim uma obrigação do produtor pensar em levar esta cultura para todos e é prevendo essa acessibilidade que este, em seus projetos, conseguirá proporcionar espaços e espetáculos para todos.

Na audiência pública realizada na tarde da última quarta-feira, dia 18 de novembro de 2015, pela Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, na Câmara dos Deputados,<sup>1</sup> que foi realizada para discutir Acessibilidade e

Sabe-se ainda quanto são escasso os profissionais formados nessa área, apesar de que já existe um curso do Rio de Janeiro que debate estes aspectos, como é o caso do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural, que a Universidade Federal do Rio de Janeiro oferece, porém se a mão de obra é escassa na área do interprete, há ainda menos profissionais para ofertar estas cadeiras. Este curso de especialização nasceu entre a parceria da Universidade do Rio e o

---

<sup>1</sup> Conforme matéria veiculada na página do MinC, disponível em <http://www.cultura.gov.br> Acessado em 26 de novembro de 2015

Ministério da Cultura. E suas propostas são baseadas em buscar uma cultura democrática para todos.<sup>2</sup>

Ao longo dos quatro anos do Bacharelado em produção e política cultural, os próprios futuros produtores culturais, não tiveram nenhum contato com estes aspectos e são os mesmos profissionais que estarão promovendo atividades culturais para as pessoas. Este trabalho de reflexão só aconteceu, pois foi detectado na formatura da Unipampa - Jaguarão em de 28 de fevereiro de 2015, uma falha na organização da mesma, em que um professor homenageado, não teve acessibilidade, ou seja ele passou a formatura inteira sem entender nada do que estava acontecendo, visto que ele era surdo e não havia nenhuma interprete. São detalhes dessa importância que um produtor cultural tem que perceber e refletir sobre isso e foi o que aconteceu neste trabalho.

Procurou-se uma produtora de POA, para analisar como essa acessibilidade acontecia e como ela era prevista em editais, e com Daniela podemos aprender como proporcionar para que os surdos possam participar destas atividades e como eles também podem promover essa acessibilidade para os videntes, como é o caso do grupo signatores.

Conheceu-se também as formas de acessibilidades encontradas e descobriu-se que elas são divididas em duas que são as Assistivas e as Técnicas. E que cada uma não deve ser utilizada apenas para provar ao MinC, que foi realizada, mas sim promover acessibilidade de qualidade e para isso tem que ter profissionais qualificados.

Por fim notamos que Jaguarão ainda tem muito a crescer neste campo da acessibilidade. As reformas dos inúmeros espaços culturais que estão acontecendo como, Mercado Público e o próprio Teatro Esperança que foi entregue a população, poderiam já ser pensados em espaços que promovesse essa inclusão, e assim todos participariam sendo eles cego, surdo, vidente, down e os próprios cadeirantes que já participam desses espaços.

## **6. BIBLIOGRAFIA**

---

<sup>2</sup> Conforme site do curso de acessibilidade cultural, disponível em <http://www.medicina.ufrj.br/acessibilidadecultural/sitenovo/>. Acesso em 03/12/2015

BARBOSA, Conceição de Maria. *Direito à cultura: Políticas públicas de acessibilidade para pessoas com deficiência*. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Ciência da Saúde da Faculdade de Medicina Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro 2014.

BONI, Valdete; QUARESMA, Jurema. *Aprendendo a Entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2. Jan/ Jun, 2005.

BRASIL. IBGE censo demográfico. 2010. Disponível em: <http://www.adap.org.br/site/index.php/artigos/20-deficiencia-auditiva-atinge-9-7-milhoes-de-brasileiros> Acesso em: 20 de Julho de 2015

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

CONSTITUIÇÃO DA REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf) Acesso em: 17 de junho de 2015

CULTURA GOV. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br>. Acesso em: 26 de novembro de 2015

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, ONU, 1948. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf> Acesso em: 17 de junho de 2015.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL, UNESCO, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf> Acesso em: 17 de junho de 2015.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Produções culturais em língua brasileira de sinais (Libras)*. Artigo publicado na revista Letras Hoje Ano: Julho/ Setembro de 2013.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; FLORIANO, Rita de Cassia; GIMENZ, Nádia. Algumas tecnologias aplicadas na área da surdez. Artigo publicado na revista Intellectus. Ano IX [25] Out/Dez 2013.

MONTEIRO, Salerno Myrma; *Histórias dos movimentos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil*. Revista Relato de experiência grupo de estudos e subjetividade. Ano: Junho de 2006.

OLIVEIRA, Aila Seguin Dias Aguiar. *Acessibilidade espacial em centros culturais: Estudo de caso*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação na Universidade de Santa Catarina. Ano: 2006.

RAMOS, Fabricio Mahler. *A comunidade surda e o facebook*. Artigo publicado na revista Ampliar. Vol. 1. Ano: 2014.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. *Cultura e identidade surda: Encruzilhada de lutas sociais e teóricas*. Artigo publicado na revista Educação e Sociedade vol.26 no.91 Campinas Mai/Ago. 2005.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3ª edição. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

UNIPAMPA. *Projeto de Desenvolvimento Institucional*. Disponível em: [http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/consuni/files/2010/06/Res.-71\\_2014-PDI.pdf](http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/consuni/files/2010/06/Res.-71_2014-PDI.pdf). Acesso em 03 de dezembro de 2015.